

Artigo / Article

Alteridade e exclusão: o olhar para o outro no poema e na narrativa

Otherness and exclusion: the gaze at the other in poetry and narrative

Luciana Taraborelli 

Universidade de São Paulo, Brasil
ltaraborelli@usp.br
<https://orcid.org/0000-0002-0688-2740>

Viviane Mendes Leite 

Universidade de São Paulo, Brasil
mendesviviane82@usp.br
<https://orcid.org/0000-0001-5073-6743>

Recebido em: 25/01/2024 | Aprovado em: 21/05/2024

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar dois exercícios de análise de textos da esfera artístico-literária que abordam temáticas cada vez mais necessárias e urgentes para se discutir em sala de aula: o refugiado e a mulher negra, minorias que ainda estão ausentes de muitos currículos. Os exercícios de análise do poema "Exército (chusma) de rosas negras" (2017), de autoria de Cristiane Sobral, e da narrativa *Dois meninos de Kakuma* (2018), de autoria de Marie Ange Bordas configuram-se como uma proposta para o trabalho de leitura com estudantes do Ensino Fundamental (anos finais), uma vez que tratam de relações de alteridade. Esses exercícios estão fundamentados na perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (Brait, 2008), oriunda do extenso trabalho sobre Mikhail Bakhtin e o Círculo, na qual o outro é constitutivo do eu. A fundamentação teórica baseia-se na relação eu-outro postulada por Bakhtin, ([1920/24] 2020) e no conceito de alteridade (Amorim, 2004). Como resultados, em nossas análises, apontamos os centros de valores presentes nos textos literários a partir da relação eu *versus* outro e, mediante análise linguístico-discursiva, levamos os leitores a refletirem sobre si e sobre o seu outro.

Palavras-chave: Refugiado • Poesia de autoria feminina negra • Centros de valor • Análise dialógica do discurso

Abstract

This article aims to present two text analytical exercises from the artistic-literary sphere that address increasingly necessary and urgent themes to discuss in the classroom: refugees and black women, minorities that are still absent from many

curricula. The analytical exercises of the poem “Army (chusma) of black roses” (2017), written by Cristiane Sobral, and the narrative *Two boys of Kakuma* (2018), written by Marie Ange Bordas, serve as a proposal for reading activities with students in the final years of elementary education, as they deal with relationships of otherness. These exercises are based on the perspective of Dialogical Discourse Analysis (Brait, 2008), originating from the extensive work on Mikhail Bakhtin and the Circle, in which the other is constitutive of the self. The theoretical foundation is based on the self-other relationship posited by Bakhtin, ([1920/24] 2020) and the concept of otherness (Amorim, 2004). As a result, in our analyses, we point out the centers of values present in literary texts based on the relationship between self and other and, through linguistic-discursive analysis, we lead readers to reflect on themselves and their other.

Keywords: Refugees • Poetry by black women • Value centers • Dialogical discourse analysis

Introdução

A literatura, assim como outras artes, tem a capacidade de aproximar o leitor dos dramas humanos, mas, segundo Medviédev (2012), ela apresenta uma especificidade em relação às outras ideologias, pois reflete e refrata a realidade (inclusive outras ideologias que não artísticas), ou seja, trata de realidades e temas que outras esferas da atividade humana já refletiram e refrataram. Sendo assim, os textos literários por nós selecionados também refletem e refratam uma determinada realidade: a de minorias sociais como o refugiado e a mulher negra.

A maioria dos estudantes entram em contato com a realidade, seja a partir de experiências próprias, seja por meio de notícias que veiculam nos canais de comunicação e mídias em geral. Assim sendo, nossa proposta é apresentar a leitura de textos literários que refletem e refratam realidades que estão longínquas das salas de aulas, ou não se quer ver, de forma a chamar a atenção dos estudantes para o outro, para suas dores e suas singularidades e, deste modo, formar leitores mais críticos à sua própria realidade e mais sensíveis ao seu entorno, ao seu outro.

Para isso, propomos a leitura de dois textos da esfera artístico-literária, a saber, o poema “Exército (chusma) de rosas negras” (2017), de autoria de Cristiane Sobral (Rio de Janeiro, 1974), e a narrativa juvenil *Dois meninos de Kakuma* (2018), de autoria de Marie Ange Bordas (Porto Alegre, 1970), que abordam temáticas cada vez mais urgentes da nossa atenção por retratar minorias como a mulher negra e o refugiado. Sabe-se que essas temáticas, quando chegam às salas de aulas, chegam via outras áreas do conhecimento como História, Geografia e Sociologia, por exemplo.

Devido ao urgente debate, envolvendo esses dois grupos minoritários, entendemos que a literatura ajuda o leitor na compreensão desse outro-refugiado e outro-mulher negra. Dados fornecidos no relatório de 2016 na Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) apontam para números surpreendentes em relação à escolarização de crianças refugiadas: trata-se de 1,75

LINHA D'ÁGUA

milhão de crianças refugiadas que não estão na escola e 1,95 milhão de adolescentes sem acesso ao ensino. Tais números refletem a dura realidade de marginalização, preconceito e a necessidade de debates e pesquisas que alterem essa realidade.

Já em relação ao trabalho com a cultura negra, os estabelecimentos de ensino deveriam nortear seus currículos de acordo com a lei número 11.645/2008, que versa sobre a obrigatoriedade de se incluir no currículo oficial da rede de ensino a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, mas, muitas vezes, esse trabalho fica aquém do desejado. Da mesma forma, acontece com a temática dos refugiados, que não recebe a devida atenção no momento de os estabelecimentos de ensino escolherem as obras literárias a serem trabalhadas. Assim sendo, com os exercícios de análise propostos, além de trabalharmos a questão da alteridade nos estudantes, promovemos o debate e a reflexão acerca dessas temáticas, com intuito de favorecer a inclusão no âmbito escolar.

Nas análises, apontamos indícios linguístico-discursivos de alteridade no poema e na narrativa juvenil para compreendermos de que maneira esse outro, geralmente silenciado no mundo real, protagoniza sua própria identidade nos textos literários. Esse objetivo está fundamentado na Análise Dialógica do Discurso (ADD), postulada por Brait (2008) advinda de seu extenso estudo acerca da teoria e metodologia propostas pelos integrantes do Círculo de Bakhtin¹, que considera a linguagem dialógica, construída na interação eu-outro, portanto social, e que leva em consideração o contexto externo, extrapolando a análise puramente linguística. Nesse sentido, o outro é constitutivo do eu no processo de interação.

Sendo assim, considerar o outro é um movimento exotópico no qual o eu coloca-se no lugar do outro, conhece sua realidade e retorna ao seu lugar único e singular. Nessa relação alteritária e exotópica, propomos a análise da prosa e do poema, trazendo esse outro que, muitas vezes, é marginalizado e invisibilizado na sociedade. A proposta é promover uma leitura que desperte o olhar alteritário e empático para o refugiado e a mulher negra em diferentes gêneros discursivos.

São três as seções que organizam este artigo. Na primeira, apresentamos o eixo teórico norteador da nossa análise, fundamentados na teoria bakhtiniana: alteridade; na segunda, o contexto dos textos literários analisados; e, na terceira seção, apresentamos dois exercícios de análise, um sobre o poema “Exército (chusma) de rosas negras” e o outro, com dois trechos da obra *Dois meninos de Kakuma*, nos quais investigamos o modo como narrativa e poema auxiliam na construção da imagem desse outro-refugiado e outro-mulher negra. Para tanto, sinalizamos os indícios linguístico-discursivos de alteridade que mostram a voz daqueles que são, muitas vezes, silenciados. As considerações finais arrematam o texto.

¹ O Círculo de Bakhtin não formava em nenhum sentido uma organização fixa. Constituíam simplesmente um grupo de intelectuais que se reuniam na Rússia, principalmente entre 1919 e 1929 e gostava de debater ideias e que tinham interesses filosóficos em comum. Seus principais integrantes foram Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medviédev.

1 Alteridade na perspectiva dialógica

Conceber a linguagem na perspectiva de Bakhtin e do Círculo é afastar-se da abstração linguística que considerava o signo, a palavra, na imanência da língua. Não se trata de negar essa perspectiva, mas de entender como o funcionamento da linguagem acontece no mundo material e concreto, a partir das relações sociais e das situações de produção nas quais são geradas. Um dos eixos centrais nas formulações teóricas de Bakhtin e do Círculo é incluir as relações humanas na constituição da linguagem, uma vez que foram essas relações que reivindicaram a necessidade de uma forma material na qual pudessem estabelecer contato. Essas relações só são possíveis se considerarmos no mínimo duas consciências, ou seja, dois sujeitos que constituem o princípio da alteridade.

Em um dos seus primeiros ensaios, escrito entre 1920-1924, traduzido para o português como *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin apresenta a relação eu-outro como parte do mundo concreto-individual e irrepitível e de consciências individuais que realmente agem. Nos escritos bakhtinianos, o termo “alteridade” é indicado nas expressões: “eu-para-mim” / “outro-para-mim” e o “eu para o outro”. Para o filósofo russo, o momento do ato unitário e singular de cada sujeito deve considerar três momentos fundamentais que são eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro. Segundo Bakhtin (2016, p. 62):

Desde início, porém, o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado. O papel dos outros, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande, como já sabemos. Já dissemos que esses outros, para os quais o meu pensamento se torna um pensamento real pela primeira vez (e deste modo também para mim mesmo), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação discursiva, desde o início o falante aguarda a resposta deles, espera uma ativa compreensão responsiva. e como se todo o enunciado se construísse ao encontro dessa resposta.

Nessa relação alteritária entre o “eu” e o “outro”, temos a singularidade que nos torna únicos, ou seja, cada ser possui uma vivência, valores e ideologias que certificam sua singularidade. Na interação, esses dois seres únicos, com suas singularidades podem, numa perspectiva dialógica, ter um diálogo consoante ou discordante, posto que seus valores e seu entorno extraverbal podem não ser coincidentes, conforme esclarece Amorim (2004, p. 122):

A resposta presumida do outro atua no meu enunciado. Essa resposta, eu a presumo como uma espécie de fundo perceptivo sobre o qual minha palavra seria recebida: o grau de informação que o destinatário possui acerca do assunto tratado, suas opiniões, seus preconceitos, suas simpatias etc. [...].

Nesse horizonte, não é possível elaborar um enunciado sem considerar o outro, pois é nessa relação com esse outro que “arquitetamos” o nosso dizer, presumindo o modo como nossas palavras serão recebidas. Ressaltamos que a percepção do outro está envolvida por seus valores, o modo como respondemos é inerentemente axiológico, não há neutralidade.

Volóchinov (2017) destaca como a relação eu *versus* outro constitui-se sempre como relações dialógicas, pois, sem o outro, não é possível se expressar enquanto sujeito situado.

A importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. Em sua essência, palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem ela dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva de minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor (Volóchinov, 2017, p. 205).

A teoria de Bakhtin e do Círculo nos impulsiona a pensar a voz desse outro no poema e na narrativa juvenil. A escolha pela esfera literária assenta-se na concepção de que a literatura pode ter um caráter humanizador e, nesse sentido, promover a compreensão real desse “outro refugiado” e “outro mulher negra”, pois esses textos dão vazão a essas vozes que, muitas vezes, são marginalizadas em outras esferas ideológicas.

Nos escritos “Fragmentos dos anos 1970-1971” que corporificam anotações feitas por Bakhtin entre os anos 1970-1971, a presença do outro é marcante. Mesmo com a escrita fragmentada, os fortes indícios de alteridade estão postos. Esses fragmentos apontam para a questão de que a relação eu-outro está posta desde o momento do nosso nascimento:

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.) com sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonicidade para a formação da noção de mim mesmo (Bakhtin, 2017, p. 29-30).

O filósofo russo faz uma analogia da relação materna com a consciência humana e ressalta: “[...] a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro” (Bakhtin, 2017, p. 30), ou seja, estamos envolvidos e somos despertados pelo outro.

Nesse mesmo texto, há a indicação de três relações em que o outro é imperativo:

- 1) Relações entre os objetos: entre coisas, fenômenos físicos, fenômenos químicos; relações causais, relações matemáticas, lógicas, relações linguísticas etc.
- 2) Relações entre o sujeito e o objeto;
- 3) Relações entre sujeitos — as relações pessoais, as relações personalistas: relações dialógicas entre enunciados, relações éticas etc. Aí se situam quaisquer vínculos semânticos personificados. As relações entre consciências, verdades, influências mútuas, a aprendizagem, o amor, o ódio, a mentira, a amizade, o respeito, a reverência, a confiança, a desconfiança, etc. (Bakhtin, 2017, p. 30).

As duas primeiras relações objeto/objeto e sujeito/objeto são de ordem material, pois pressupõem um objeto, já a terceira relação apontada por Bakhtin coloca-nos diante de uma relação intersubjetiva, pressupõe um “eu” e um “outro”. Dentre as possibilidades dessa relação, há as relações dialógicas entre enunciados. A palavra é dirigida sempre a alguém e pressupõe a resposta de outrem. Essa relação que ultrapassa a lógica, tornando-se dialógica, são as duas

consciências, sem essa relação, sem o outro, a relação seria material, conforme apontado em 1 e 2. Sendo assim:

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão em relação ao outro (Bakhtin, 2017, p. 113).

Amorim (2004, p. 97) reforça o postulado bakhtiniano ao afirmar que a relação de alteridade é um traço fundamental da linguagem:

A alteridade sob a forma de diálogo e da citação é, pois, o traço fundamental da linguagem. Não há linguagem sem que haja um outro a quem eu falo e que é ele próprio falante respondente; também não há linguagem sem a possibilidade de falar do que um outro disse [...].

Completando a tríade bakhtiniana, Medviédev (2012) também considera a essencialidade do outro na constituição do enunciado. O autor destaca como premissa para comunicação a avaliação social, sem ela “A ligação entre o sentido e o signo em uma palavra, tomada separadamente, independente de um enunciado concreto, por assim dizer, em “palavra dicionário”, é totalmente arbitrária e técnica” (Medviédev, 2012, p. 183). Assim como Bakhtin e Volóchinov, Medviédev comunga com seus colegas ao reconhecer e destacar a necessidade de um “outro” como eixo estruturante do sentido, afastando-se da abstração linguística.

Seu projeto epistemológico e axiológico merece destaque ainda pela formulação da dupla orientação do gênero. Nessa perspectiva, o enunciado não é concebido separado da realidade, na vida concreta que pressupõe o outro. Medviédev (2012, p. 195) afirma:

Na primeira orientação, a obra entra em um espaço e tempo real: para ser lida em voz alta ou em silêncio, ligada à igreja, ao palco, ou ao teatro de variedades. Ela é uma parte das festividades ou simplesmente do lazer. Ela pressupõe um ou outro auditório de receptores ou leitores, esta ou aquela reação deles, esta ou aquela relação entre eles e o autor. A obra ocupa certo lugar na existência, está ligada ou próxima a alguma esfera ideológica

Muito embora os filósofos russos não mencionem o termo “alteridade”, ele se faz presente como eixo estruturante do projeto dialógico, ou nas palavras de Faraco (2011, p. 24), uma “filosofia da alteridade”. O direcionamento a alguém, a um auditório, à responsividade, e o próprio reconhecimento como ser humano estão diretamente ligados à existência de um outro, sem o qual não haveria interação.

Para visualizar melhor o conceito de alteridade postulado pelo Círculo, apresentamos o quadro 1, que sintetiza o conceito concebido por cada um dos integrantes, tendo como recorte as obras citadas neste artigo:

Quadro 1. “Alteridade” no Círculo

Bakhtin ([1920-24] 2020)	Centros valorativos; Arquitetônica: “eu-para-mim” / “outro-para-mim”
Volóchinov ([1929] 2017)	Palavra como ato bilateral: direcionada a alguém
Medviédev ([1928] 2012)	Avaliação social; Dupla realidade do gênero

Fonte: elaborado pelas autoras

Desta forma, sujeito e linguagem (aqui concebida como dialógica) são constituídos pela alteridade: o sujeito, desde o seu nascimento, e a linguagem, em uma cadeia ininterrupta de enunciados. Portanto, não há como organizar o enunciado sem considerar o outro, ou seja, a forma como nos posicionarmos a partir do nosso centro de valor responde a uma cadeia de enunciados de outrem, da mesma forma ocorre na leitura dos textos literários que analisamos/lemos. Como nos posicionamos e nos situamos como sujeitos responsáveis a partir do contato com uma obra que nos apresenta o outro excluído? Como se dá a alteridade da exclusão? A dor do refugiado e da mulher negra manifesta-se de que forma na relação eu *versus* o outro? São muitas as respostas assim como são muitos os sujeitos e seus centros de valor.

A perspectiva dialógica considera o outro como constitutivo na interação, mas e quando esse outro é marginalizado, invisibilizado pela sociedade? Essa questão sinaliza para uma alteridade da exclusão, ou seja, esse outro a quem todo enunciado é dirigido pode simultaneamente ser um excluído, desconsiderado nas relações sociais. Nesse sentido, nossa proposta contempla essas pessoas - mulheres negras e refugiados - cuja condição determina sua exclusão na sociedade.

Mesmo quando há a exclusão do outro, estamos diante de um ser que possui voz e sua singularidade e, portanto, elaboram seus enunciados responsiva e responsabilmente. Dessa forma, é diante dos enunciados que os índices de alteridade estão linguisticamente marcados, mostrando-nos a voz daqueles que estão, socialmente, excluídos.

1.1 O encontro com o “outro-mulher negra”

Ao lermos uma obra que trata da realidade da mulher negra na sociedade contemporânea, logo entramos em diálogo com o discurso do outro na voz da longa tradição racista fruto da política de escravidão aplicada por séculos em colônias europeias como foi o Brasil e refletimos a respeito de nós mesmos como sujeitos ao colocarmos-nos no lugar dessa mulher. Para esse exercício exotópico de nos colocarmos no lugar do outro, devemos considerar os momentos fundamentais do ato unitário e singular descritos por Bakhtin ([1920-1924] 2020): o “eu-para mim” e o “eu-para-o-outro”.

Nesse exercício, nos questionamos: quantos olhares indiferentes, daqueles que não reconhecem na mulher negra o seu outro são direcionados a ela diariamente? Nesse sentido, o

texto literário apresenta-se como um caminho para conhecermos a nós mesmos ao conhecermos esse outro, trata-se da alteridade da exclusão. O texto, assim como o Janus bifronte, faz com que olhemos em duas direções: para o outro excluído e para nós frente a esse outro, em um movimento alteritário.

Embora a mulher negra venha ganhando cada vez mais voz na sociedade brasileira contemporânea, assim como na literatura, ainda tem muito a lutar para desconstruir os lugares sociais que lhe foram atribuídos a partir do final da escravidão.

Muitas mulheres negras são invisibilizadas em diversas situações cotidianas. Historicamente, sujeitos não negros acostumaram-se a olhar esse "outro mulher negra" sempre como a empregada doméstica, a faxineira, aquela que não pode assumir cargos de chefia. Gonzalez (2020) afirma que a sociedade espera que a mulher negra ocupe determinados lugares: “De um modo geral, a mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação “profissional”: doméstica e mulata” (Gonzalez, [1979] 2020, p. 59). Como doméstica, “[...] sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da “inferioridade” que lhes seriam peculiares (Gonzalez, [1979] 2020, p. 58). Como mulata que leva o nome do Brasil internacionalmente, tem uma falsa perspectiva de ascensão social:

A profissão de mulata é exercida por jovens negras que, num processo extremo de alienação imposto pelo sistema, submetem-se à exposição de seus corpos (com o mínimo de roupa possível), através do “rebolado”, para o deleite do voyeurismo dos turistas e dos representantes da burguesia nacional (Gonzalez, [1979] 2020, p. 59).

Bento (2022) também chama a atenção para as condições de remuneração salarial envolvendo a mulher negra. A autora aponta, segundo pesquisa do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese)² divulgada em novembro de 2019, que a população negra trabalha mais e ganha cerca de 30% menos que a população não negra e dentre a população negra, as mulheres são as mais afetadas tendo que trabalhar 55 minutos a mais para atingir o salário de um branco.

Os lugares sociais impostos à mulher negra ainda são mais cruéis quando pensamos na maternidade, na mulher negra genitora. A mãe negra como matriarca é simplesmente ignorada. Evaristo (2005) destaca que a imagem da mulher negra nunca foi pensada na sua subjetividade e menos ainda quando se trata de ser uma força geradora de vida: a mãe, a matriz, a continuadora de uma origem. A ausência da imagem da mãe negra é uma forma simbólica de extinguir sua linhagem, sua descendência, sua história. Somente à mulher branca coube o papel de genitora, de guardiã da vida, como se o sagrado, como gerar uma vida, não pudesse ser atribuído à mulher negra e a ela coubesse o profano, o corpo como objeto que dá prazer ao outro. A autora faz esses apontamentos, principalmente em relação à imagem da mulher negra presente na literatura brasileira:

² Baseada na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) contínua/IBGE.

Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral (Evaristo, 2005, 53).

1.2 O encontro com “outro refugiado”

Da mesma forma, ao entrarmos em contato com obras que retratam a realidade dos refugiados compreendemos a dor desse outro que, sem opção, para sobreviver é obrigado a deixar sua pátria. Segundo dados fornecidos pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), no relatório semestral de 2021, houve um aumento acentuado dos números, foram 172.000 a mais que em 2020. À medida que os números crescem o tema ganha espaço no cenário nacional e, paradoxalmente, há um apagamento velado, sobretudo no âmbito educacional, como se essa crise fosse tão distante de nossa realidade.

Nesse movimento que contempla o “eu” e o “outro”, a narrativa é crucial para entendermos problemas inseridos no nosso tempo. Entrelaçar o mundo real à ficção pode abrir frestas em direção ao outro, num movimento exotópico para compreender como se constroem os sentidos diante desse outro que habita a fronteira. É o que encontramos na obra de Maria Anges Borda, *Dois meninos de Kakuma*.

A condição transitória do refugiado num mundo onde arames, campos e muros ignoram a condição do outro desestabiliza a identidade, estar e não-estar em algum lugar, pertencer e não-pertencer a um lugar. Para Tonus, “[...] migrantes e refugiados habitam os interstícios dos espaços antropológicos fomentadores de identidades e aqueles marcados pelas perdas dos marcos identitários: centros de retenção, zonas de transição, campos de refúgio e de trabalho” (Tonus, 2018, p. 481). O autor destaca a importância do acolhimento e do debate sobre os refugiados, pois na clandestinidade a alteridade é nula, já que o não-reconhecimento legal lhe nega a possibilidade de se tornar “outro”.

Nesse limiar de estar e não-estar, para pessoas que, muitas vezes, são representadas por números, o lugar transitório pode ser permanente e a fronteira vertical, conforme destaca Tonus: “Na zona de transitoriedade que o campo incarna, a fronteira deixa de ter sua lógica horizontal para adquirir uma dinâmica vertical” (Tonus, 2018, p. 482). Não-lugares tornam-se lugares de afetividade que, ao mesmo tempo, libertam e aprisionam o refugiado.

Os dados estatísticos correspondem à triste realidade da crise humanitária do século XXI e contrastam com a ideia neoliberal de intervenção mínima do Estado e do crescimento por meritocracia, criando uma realidade distópica em que as pessoas são invisíveis e apagadas ou, como nomeia Bauman, “estranhos”:

Refugiados da bestialidade das guerras, dos despotismos e da brutalidade de uma existência vazia e sem perspectivas têm batido à porta de outras pessoas desde o início dos tempos modernos. Para quem está por trás dessas portas, eles sempre foram – como são agora – estranhos. Estranhos tendem a causar ansiedade por serem “diferentes” – e, assim, assustadoramente imprevisíveis, ao contrário das pessoas com as quais interagimos todos os dias e das quais acreditamos saber o que esperar (Bauman, 2017, p. 13).

Entre os números flagrantes e as pessoas “desconhecidas” o limiar de nossa humanidade. Existe a possibilidade de enxergar o outro em sua singularidade, sem deixar que a ansiedade pelo desconhecido nos torne indiferentes? Se há essa possibilidade, com certeza é na clareza de quem são essas pessoas e o debate aberto na sociedade. A espinha dorsal desse discernimento recai nos discursos que o atravessam, quais vozes são ouvidas e apagadas? A quem interessa ouvi-las?

Borges dos Anjos focaliza a questão subjetiva do outro. A partir do projeto do qual fazia parte “Projeto Acolhida ao Migrante – Inserção Social e Diversidade Cultural”, desenvolvido pela Universidade do Sul de Santa Catarina, a autora traz imagens, dados e depoimentos de migrantes naquela região. Para além do ensino da Língua Portuguesa, a pesquisadora revela sua inquietação acerca da identidade dessas pessoas em um país estranho. Com olhar que se volta para o outro, ela esclarece:

Partir, retirar-se significam mais que simplesmente deixar ou abandonar um determinado lugar, pois implicam pensar em tudo que se encontra envolvido nesse processo: casa, família, amigos, momentos, e um passado de memórias, boas e ruins, que pode não ser mais materializado fisicamente, mas simbolicamente ressoará nesse sujeito que está em trânsito (Borges, 2021, p. 22).

Coadunamos com a pesquisadora que, além da teoria considerou os sujeitos em trânsito, em entender o processo de migração para além do mero deslocamento, essas pessoas levam consigo sua cultura, vivência e memória que, em muitos casos, são desconsideradas e massificadas em números.

Para compreendermos esse “outro refugiado” na narrativa juvenil é fundamental a clareza teórica sobre o conceito abordado, pois investigar as construções linguísticas, a escolha lexical e a esfera de produção da obra, nos fornece subsídios para uma leitura exotópica, levando a mim — leitor — a esse outro — “refugiado”. Do meu lugar único, leio a perspectiva do outro, “aproximo-me” dele, “vejo” sua humanidade. Desloco-me e volto ao meu lugar.

2 Do poema à narrativa: contextualização das obras

O poema “Exército (chusma) de rosas negras” pertence à obra *Terra Negra*, de autoria da escritora Cristiane Sobral. O livro foi publicado em 2017, pela editora Malê e é o terceiro livro de poemas da escritora, que também publicou contos e crônicas.

Terra Negra é composto de 74 poemas, e tem como epígrafe um trecho do texto “Vivendo de amor” da escritora bell hooks; o prefácio intitulado “A carta da terra” é assinado pela também escritora e atriz Elisa Lucinda. Chamamos a atenção para o conjunto de vozes que compõem a obra considerando os elementos pré-textuais. São vozes de mulheres negras como bell hooks, Elisa Lucinda e Cristiane Sobral que marcam um lugar de fala: o da vivência da mulher negra na vida cotidiana. Do lugar de onde partem essas vozes, que pode ser físico, ou não, surgem os poemas; surge uma literatura que apresenta o ponto de vista a partir do lugar social da mulher negra socialmente apagada e ainda pouco contemplada no cânone da literatura brasileira.

O título do livro é formado por dois signos ideológicos: “terra” e “negra”. O signo “terra” carrega uma força muito importante no contexto da obra, pois “terra” permite uma pluralidade discursiva. Primeiramente, podemos pensar “terra” como o lugar onde as sementes germinam, o lugar de onde brota a vida, de onde nasce o broto verde de esperança. Nesse sentido, a palavra “terra” no título traz a imagem da vida nova, da vida negra que não mais é dominada e escravizada. É a vida negra que se faz presente na terra com toda sua força e beleza.

Terra é também o pedaço de chão que nos confere pertença quando nos referimos à terra como país ou como terra natal. A terra das nossas origens, dos nossos ancestrais. Nesse sentido, “terra”, no título, remete à terra africana, ao vínculo com a África negra de onde veio toda a herança cultural que contribuiu para a formação do Brasil. É na terra que ficam as raízes, e o livro retorna às raízes valorizando a cultura africana. Assim como a raiz busca os nutrientes na terra, os poemas buscam os nutrientes na cultura africana.

Já no livro *Dois meninos de Kakuma*, a autora Marie Ange Bordas parte de sua vivência em 2003, quando teve a experiência de ficar por dois anos no campo de refugiados em Kakuma, localizado no noroeste do Quênia. A partir dessa vivência, Bordas assume seu ato responsável e materializa em sua obra (mundo da cultura) o mundo concreto e real. Esses mundos são recriados por meio do texto verbo-visual, formando um “todo indissociável” (Brait, 2015, p. 194) cuja imbricação acontece em 69 páginas por meio da escrita e de 30 fotoilustrações³, conta ainda com três textos moldura: “Deslocados no mundo”; “O campo de refugiados de Kakuma”; “Marie Ange Bordas”.

O enredo é dividido em duas partes: na primeira, a perspectiva de Geedi, garoto somali, nascido em Kakuma e, na segunda, Deng, nascido no Sudão. Duas vidas, dois garotos, dois pontos de vista sobre o tema em comum: a difícil vida no campo de Kakuma. As vivências desses dois amigos são apresentadas ao leitor de maneira comovente. Geedi não conhece outra vida fora do campo e Deng lembra e enaltece as belezas de seu país. Os dois garotos falam, com carinho, sobre a amiga em comum, Noela, também nascida no Sudão.

³ A autora esclarece que as fotos, ainda analógicas, foram feitas por ela e os desenhos e esculturas que compõem as fotografias são de crianças de Kakuma, frutos do projeto MysArt (Bordas, 2018, p.63-65).

Entre os sonhos de crianças e as mazelas da vida no campo, os meninos encarnam a dor, a perda, o sofrimento de milhares de crianças que, como eles, estão em um campo de refugiados, mas com sua singularidade marcada pela vivência e pela voz de cada um deles. A capa do livro (Figura 1) ganha a atenção com as fotografias que destacam os olhos de um garoto. Na parte superior da capa, esses olhos encaram o leitor e refletem em sua íris, como num espelho, silhuetas humanas.

Figura 1. Capa: Dois meninos de Kakuma



Fonte: Bordas (2018)

A face do menino é completada pela vastidão do campo. O título divide as duas fotografias. Dois meninos, duas vidas, no mesmo espaço. A quantidade de abrigos, nessa dimensão horizontal, reflete milhares de outras vidas, de outros olhares, de outras faces completadas por Kakuma.

3 Encontro com o “outro excluído”: um exercício dialógico

Os exercícios de análise apresentados nesta seção têm como eixo norteador a alteridade, sendo assim, apontam para as tensões valorativas, que emanam da relação entre o eu e o outro e dos centros valorativos que cada um ocupa. Para melhor compreensão das análises e por se tratar de gêneros distintos, optamos por dividir a seção em duas partes, a saber: a) Exercício de análise do poema “Exército (chusma) de rosas negras, b) Exercício de análise de dois trechos da narrativa juvenil, *Dois meninos de Kakuma*. Dessa forma, explicitamos que o olhar para o outro excluído pode sensibilizar o leitor tanto no poema quanto na narrativa.

3.1 Exercícios de análise do poema “Exército (chusma) de rosas negras”, de Cristiane Sobral.

O exercício de análise a seguir tem como foco buscar os indícios linguístico-discursivos de alteridade, mostrando o ponto de vista da mulher negra na constatação da sua solidão por mostrar-se quem é, fato que se constitui como resposta ao preconceito e ao racismo estrutural. Frente ao outro, a mulher posiciona-se a partir do seu centro de valor, que nega o lugar que os não negros esperam que ela ocupe. Ao mesmo tempo em que o poema leva o leitor a conhecer esse outro socialmente excluído, provoca seu próprio autoconhecimento e espera dele uma resposta mais sensível e mais humana.

Exército (chusma) de rosas negras

Há uma solidão destinada à mulher negra
Aquele que não aceita ser a mais gostosa do pedaço
nem interpreta o estereótipo do palhaço
Aquele cujo corpo a mulata não encena

Há uma solidão profunda destinada à mulher negra
Um desdém absurdo, mudo cheio de rótulos
reservado a aquela que não sorri por qualquer motivo
sempre recusando o convite do executivo comprometido
para um inocente jantar

Há uma solidão homicida destinada às mulheres negras
àquelas altivas, com orgulho de sua cor
que não alisam seus cabelos em busca de aceitação
Deixando sempre a porta aberta
para o sinhô e a sinhá

Há uma solidão destinada às mulheres negras
nos leitos dos hospitais públicos
Campos de concentração
dos grupos de extermínio a serviço do capital
em benefício do genocídio étnico
de um Estado na ativa com sua política
De embranquecimento
Há uma solidão inexplicável
no coração das mulheres negras

Mas ainda assim
em nossa solitude
realizaremos nossos sonhos continuaremos a partir de nossos filhos
aumentaremos nossas forças
formaremos o nosso próprio exército de salvação.
(Sobral, 2017, p. 86)

O poema é formado por cinco estrofes de versos livres que expressam a libertação formal. Nelas, há dois discursos em tensão: o primeiro é a voz da mulher negra, o segundo, com quem ela dialoga, é a tradição de uma sociedade que espera que ela ocupe determinados lugares sociais e mantenha determinados comportamentos.

De um lado, temos uma voz que reivindica e ocupa seu verdadeiro lugar social e, nesse processo, reconhece um sentimento de solidão, de outro, temos uma voz não personificada, não materializada linguisticamente, mas que se faz presente na forma de manutenção de um sistema que coloca mulheres negras de origem humilde em lugares sociais de subserviência e que não admite que essas mulheres ocupem lugares de privilégio. Não há duas vozes marcadas como que em um diálogo no sentido estrito, no qual temos a troca de turno. A presença da segunda voz é percebida, quando a primeira, a voz da mulher negra, em um tom afirmação e certeza assume uma posição valorativa contra o que, historicamente, vem sendo imposto à mulher negra, mesmo que, para isso, precise assumir que esse processo de afirmação tem como consequência a solidão.

O poema é construído do começo ao fim tensionado por esses dois discursos. A cada estrofe, vemos a tensão se intensificar, devido à construção sintática que faz uso da anáfora presente no verso “Há uma solidão destinada à mulher negra” (Sobral, 2017, p. 86) que inicia quatro das cinco estrofes, reforçando a tensão. A repetição desse verso sofre pequenas alterações com a inclusão de adjetivos que, ao longo do poema, reiteram a solidão vivida pelas mulheres negras.

A voz poética expõe um sentimento íntimo: a solidão. Esse sentimento não é particular, não pertence a uma mulher específica. A voz, ao assumir a solidão, tem a sensibilidade de mostrar a dor humana comum a todas as mulheres negras que se veem na solidão por assumirem quem são, por não satisfazerem a vontade de um sistema que historicamente favorece um perfil de pessoas, as brancas, inviabilizando a participação e ascensão de pessoas negras a determinados lugares sociais e por não terem apoio para as suas causas. Segundo Bento (2022), essa situação permanece, pois há uma transmissão de hierarquia entre os brancos que estão em posições de dominação que é passada de geração em geração e “[...] sua perpetuação no tempo deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios” (Bento, 2022, p. 18).

Assim sendo, entendemos a solidão como falta de apoio da sociedade às mulheres negras. A voz afirma, durante todo o poema, que a mulher negra está sozinha na sua luta diária porque a sociedade não está interessada em vê-la ocupando lugares sociais de destaque como uma mulher não negra. E aqui vemos como o texto literário mostra-nos esse outro excluído. No contato do eu (leitor) com a mulher e a solidão que lhe é imposta, percebemos a relação de alteridade, posta por Bakhtin como a relação eu-para-outro. A solidão é revelada ao leitor pela própria mulher negra; o leitor, ao ouvir a revelação entra em contato com o outro excluído e talvez, pela primeira vez, passe a enxergá-lo. Essa ação, que muitas vezes não é realizada no cotidiano, realiza-se via texto literário em um momento que chamamos de alteridade da exclusão.

Ao longo do poema, a voz poética vai desvendando a imagem da mulher negra por trás dos estereótipos presentes no imaginário branco. Vemos a imagem humana que se sente solitária quando olhada além dos estereótipos, mas também a imagem forte de quem não aceita

ser subjugada, daquela “que não aceita ser a mais gostosa do pedaço”, “que não sorri por qualquer motivo”, “que não alisa seus cabelos em busca de aceitação” (Sobral, 2017, p. 86).

Na primeira estrofe, a solidão é um sentimento que está no destino, como um legado que a mulher negra recebe ao nascer, mas, consciente do seu valor, não aceita esse destino, “[...] não aceita ser a mais gostosa do pedaço/ nem interpreta o estereótipo do palhaço”, não aceita ser “Aquela cujo corpo a mulata não encena” (Sobral, 2017, p. 86). Temos, portanto, o primeiro embate entre as vozes, ao dizer que não aceita o lugar social de mulata, que lhe é atribuído pela sua beleza exótica, está dizendo ao outro, à sociedade, que não quer ser respeitada e admirada apenas por ter um belo corpo, por ser a mulata que representa internacionalmente o carnaval.

A solidão destinada a mulheres negras, apresentada na primeira estrofe, é potencializada no verso que inicia a segunda estrofe: “Há uma solidão profunda destinada à mulher negra” (Sobral, 2017, p. 86). O acréscimo do epíteto “profunda” amplia a dimensão da solidão quando diz não ao desejo masculino nos versos: “sempre recusando o convite do executivo comprometido/para um inocente jantar” (2017, p. 86). A solidão é profunda, pois não há amor, somente a procura do seu corpo para satisfazer prazeres momentâneos.

Na terceira estrofe, nota-se um tom mais grave e preocupante, revelado pela palavra “homicida” no verso “Há uma solidão homicida destinada às mulheres negras” (Sobral, 2017, p.86). As negras “(...) altivas, com orgulho de sua cor/ que não alisam seus cabelos em busca de aceitação/ Deixando sempre a porta aberta para o sinhô e a sinhá” (2017, p. 86) parecem receber, pela entonação expressiva da voz poética, toda hostilidade e até mesmo raiva por parte de alguns brancos que não aceitam que a mulher assuma tal postura. Quanto mais resistência a um padrão de beleza imposto e a um comportamento esperado, mais solidão a mulher negra sofre, a ponto de ser exterminada pela solidão homicida. Quanto mais ela ocupa lugar na sociedade, afirmando sua beleza e sua cultura, mais morre com os olhares de estranhamento e discriminação.

Na quarta estrofe, a mais extensa do poema, a voz denuncia as injustiças sociais sofridas pelas mulheres negras. Muitas vezes, estão sozinhas nos leitos dos hospitais, sem apoio de algum companheiro; sozinhas, pois foram abandonadas por eles, sozinhas para criar os filhos. Sem apoio, a voz denuncia a exploração das vidas negras em um sistema capitalista que funciona como um grande “Campo de Concentração/ dos grupos de extermínio a serviço do capital” (Sobral, 2017, p. 86).

Os campos de concentração, usados para segregar inimigos políticos e pessoas com deficiência mental, tiveram seu auge durante a Segunda Guerra Mundial quando foram usados pelos nazistas para exterminar judeus. No poema, aparecem ressignificados, agora governos e detentores do capital exterminam vidas negras pela exploração do trabalho, pela má remuneração dos serviços prestados, por destinar aos negros os piores trabalhos. A população negra é exterminada quando não consegue acessar saúde de qualidade e educação, morrendo

em filas à espera por atendimento e por medicação. O campo de concentração não é mais físico, mas ideológico.

Quando a voz denuncia que os grupos de extermínio estão à serviço do capital, posiciona-se valorativamente contra a exploração da mão de obra da mulher negra, visto que o capitalismo se alimenta da mão de obra da mulher negra até exauri-la.

Os signos “campo de concentração” e “extermínio” marcam o tom de revolta e denúncia em relação ao número de negros e negras que morrem no Brasil, vítimas da má distribuição de renda, da exploração da mão de obra, da violência muitas vezes praticada pelo próprio Estado que deveria zelar pela sua vida, mas vê na figura do negro um potencial criminoso. Desde o fim da escravização dos negros, devido ao fato de muitos não conseguirem trabalho e ficarem na ociosidade, criou-se a relação entre população negra e criminalidade, como se a cor da pele fosse um pré-requisito para a pessoa tornar-se criminosa.

A tensão intensifica-se ainda mais quando a voz da mulher cita o genocídio étnico pregado pelo Estado brasileiro ao defender a política de branqueamento. Genocídio étnico demonstra um tom de raiva contra o Estado, pois extermina toda a cultura e contribuição dos negros na formação do Brasil, incutindo no imaginário popular que tudo que vem do negro não é bom, construindo, dessa forma, um valor negativo a respeito das pessoas negras.

Ao dizer “um Estado na ativa com sua política/ De embranquecimento”, traz ao discurso a política do branqueamento que estava baseada na ideologia do racismo científico que pregava a inferioridade das raças em relação à raça branca. Defendida durante a Primeira República (1889-1930) e financiada pelo presidente Hermes da Fonseca, essa política buscava embranquecer a população brasileira em até quatro décadas, por meio da miscigenação da população negra com imigrantes europeus. Embora comprovada sua ineficácia, haja vista os avanços da ciência, mais especificamente, os estudos sobre o genoma humano que confirmaram não haver diferenças biológicas que justifiquem a superioridade de uma raça sobre a outra, o que a voz afirma é que ainda há racismo, ainda o branco é o preferido e sua raça é usada para dominação, conforme explica Almeida: “(...) o fato é que a noção de raça ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de *grupos sociologicamente considerados minoritários*” (2021, p. 31, Grifos do autor).

No verso que encerra a quarta estrofe: “Há uma solidão inexplicável / no coração das mulheres negras” (Sobral, 2017, p. 86), a solidão é inexplicável porque quanto mais as vozes femininas se levantam para denunciar e clamar por justiça, mais ameaçada a supremacia branca se sente, o que resulta em um não apoiar as causas negras. A falta de apoio funciona como um acordo que não é verbalizado, mas que é sentido no coração das mulheres negras. Não há apoio, pois pessoas brancas se sentem ameaçadas a perderem seus lugares sociais privilegiados, que julgam serem seus por direito. O que muitos não compreendem é que a riqueza, que garantiu os lugares de privilégios, foi gerada pelo trabalho escravo.

Mas, na última estrofe, a mulher negra não sucumbe à solidão, resiste, mesmo sofrendo, mesmo sentindo a solidão no coração, no seu íntimo. Resiste para realizar os seus sonhos e continuar gerando vida e criando seus filhos. A voz não desanima, reage, projeta o futuro e, agora, com os verbos conjugados na primeira pessoa do plural, dá o tom de coletividade, passa a ser uma voz que dá ânimo e que levanta outras mulheres. Uma mulher fortalece a outra e, assim, formam um exército de vozes, um exército de mulheres dispostas a salvar umas às outras. Só elas, que se compreendem na solidão, são capazes de se salvarem, formando o próprio exército de salvação.

Além de a voz da mulher negra manter um diálogo com a tradição racista e com a sociedade que espera dela comportamento servil, mantém um diálogo com todas as mulheres negras ao convocá-las para formarem um exército, para mostrar a humanidade da mulher negra, pois não há salvação que venha de fora, de quem desconhece a sua realidade.

A palavra entoada, ao convocar o exército de mulheres para realizar os sonhos, continuar a parir os filhos e aumentar as forças, mostra uma atitude avaliativa. A voz da mulher está carregada de uma entonação de esperança e determinação que por sua vez transmite os valores que ela defende quando convoca uma chusma de mulheres, ou seja, uma multidão de mulheres negras, o coro de apoio pressuposto, para que sua voz tenha mais força e, assim, lutar contra a solidão, a falta de apoio e o isolamento, pois a salvação não poderá ocorrer de outra forma, a não ser por elas mesmas, as rosas negras.

A cada estrofe, o leitor entra em contato com esse “outro mulher negra” que até então lhe parecia invisível, e passa a enxergar suas lutas diárias para garantir a devida participação social e a conhecer seu posicionamento frente à sociedade racista. Desse modo, o leitor conhece melhor esse outro e, por meio da alteridade, reflete sobre seu próprio eu em relação a ele.

3.2 Exercício de análise: *Dois meninos de Kakuma*

Este exercício de análise tem como foco buscar os indícios de alteridade do “outro refugiado”. Essa busca na narrativa juvenil pode proporcionar o encontro com a dor e o sofrimento do outro cuja pátria fora obrigado a deixar. Seguir, para onde? Para os protagonistas Geedi e Deng, o deslocamento levou-os ao campo de Kakuma, localizado no noroeste do Quênia. Selecionamos dois trechos da obra com a apresentação dos protagonistas, seguidos de fotoilustrações. A análise considera o enunciado verbo-visual como constructo do posicionamento daqueles que habitam a fronteira.

Figura 2. Parte 1 - Geedi



Fonte: Bordas (2018, p. 6)

Meu nome é Geedi.

Eu sou somali, mas nunca estive na Somália. Nasci em Kakuma, esta terra quente e seca, onde a poeira nunca baixa.

Quando minha mãe chegou aqui com minha irmã, fugindo da guerra, pensava que ficaríamos só de passagem. Por isso, ao nascer, ela me chamou de Geedi, que em somali quer dizer "em movimento". Faz tempo. Hoje, eu já tenho 12 anos (Bordas, 2017, p. 7).

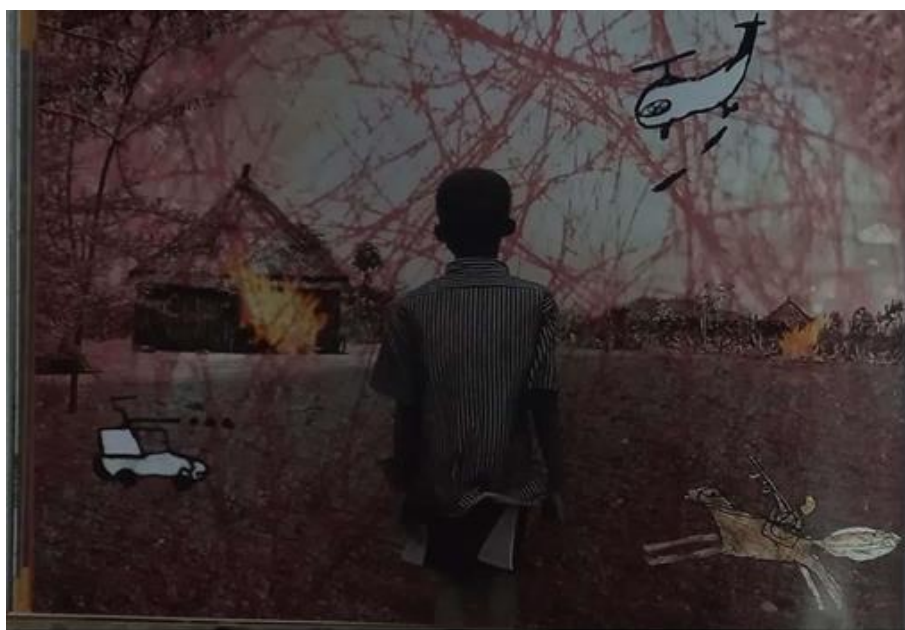
Em primeira pessoa, Geedi marca sua identidade com seu nome. Apesar de nascer no campo e não conhecer seu país de origem, o garoto assinala sua nacionalidade, seu pertencimento, “Eu sou somali”. Em seguida, relata sobre seu nascimento, em Kakuma, acrescentando a descrição do campo com os adjetivos “quente e seca”, características que acentuam a aridez do local, onde a “poeira nunca baixa”. Nesse último enunciado, duas orientações possíveis: por ser um local quente e seco há muita poeira e uma outra por ser um local tenso, de constante alerta. O enunciado concreto visual (Figura 2) – a fotografia – antecede o texto verbal e é apresentado em três planos: no primeiro plano, a silhueta de perfil do garoto, no segundo os animais e o terceiro a paisagem. A silhueta, em primeiro plano, aproxima Geedi dos leitores e se opõe aos animais que estão em conjunto. As cores com tons cinzas e terrosos materializam o ambiente austero e árido, imbricando-se à descrição do menino “terra quente e seca”.

A apresentação confere à personagem o local de protagonismo tanto no texto verbal, com sua apresentação, como no texto visual, com a silhueta em primeiro plano. O leitor entra em contato com esse outro, visualmente, em primeiro plano. A composição visual traz a figura humana do garoto sem as marcas de expressão facial, imitando a própria sombra, sem elementos que revelem movimento, apresentando uma nova contraposição ao significado do nome “em movimento”. Esse outro que se apresenta está parado, estático, estabelecendo um diálogo direto

com o tempo (que deveria ser temporário), mas persiste 12 anos após sua chegada. Cabe ressaltar as tensões, representadas visualmente, com os animais em grupo e o menino sozinho; enquanto a silhueta do menino é estática, a disposição dos animais enfileirados sugere o movimento.

A composição estética aponta para o que é do outro, contrapondo-se ao “eu” leitor que é levado a um movimento exotópico de deslocar-se para o outro e voltar para si.

Figura 3. Parte 2 - Deng



Fonte: Bordas (2018, p. 34)

Meu nome é Deng Yak Tap.

Eu nasci no Sudão, que já foi o maior país da África. Um país com muitas florestas, savanas, cidades e vilarejos, e também com uma das mais longas guerras do mundo, que terminou por dividi-lo em dois.

Eu vivia em paz com minha família até que a guerra chegou. Foi num dia de muito calor, eu me lembro. Não deu tempo de pegar nada, só fugir.

Quando fecho os olhos, ainda vejo meu vilarejo queimando, soldados violentos em cima de seus cavalos, pessoas correndo em desespero... me vejo no esconderijo entre os arbustos da floresta escura, onde fiquei por uma eternidade. Fecho os olhos e escuto tiros, bombas e gritos.

Tudo isso só não foi mais assustador que o silêncio que veio depois (Bordas, 2018, p.35).

Na parte 2, Deng apresenta-se com nome completo. Diferentemente do amigo, o garoto nasceu fora do campo. A descrição de seu país – Sudão, confere o tom valorativo do garoto em relação à pátria: as belezas naturais do país e sua grandiosidade são ressaltadas na voz do menino: “o maior país da África” e “com muitas florestas, savanas, cidades e vilarejos”. O tom emotivo-volitivo do garoto confronta-se com a guerra e os desastres naturais que geralmente

são divulgados nos canais de comunicação que privilegiam os aspectos negativos (violência, guerra, morte) em detrimento do que se tem de bom, sobretudo, nos países do continente Africano e da América Latina, conforme abordamos. A memória de Deng evoca uma dupla orientação: a paz e as belezas do país e o tempo de guerra e desespero que dividiu o Sudão. A perspectiva de Deng leva o leitor a um novo olhar sobre o país que não o geralmente veiculado pela mídia.

Note-se que para descrever seu país o tom é assertivo e revela seu amor à pátria, enquanto para falar do tempo de guerra, o garoto precisa fechar seus olhos, como se sua experiência tivesse sido um sonho ruim, guardado em sua memória. A entonação de Deng penetra na vida concreta, no limiar, conforme esclarece Volóchinov: “A entonação sempre está no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito. Na entonação, a palavra entra em contato direto com a vida [...]. Ela é especialmente sensível em relação a todas as oscilações do ambiente social que circunda o falante” (2019, p. 123).

Conforme apresentado anteriormente, a fotografia que abre a parte 2 (Figura 3) mostra um menino com os olhos fechados. Na narração de Deng, o movimento ocular ganha a materialidade linguística. O garoto afirma que “fecha os olhos para escutar”, nessa relação sinestésica, tiros, bombas e gritos ecoam em sua memória, porém o silêncio é ainda mais perturbador. Esse silêncio é repleto de significação e marca um momento cronotópico da guerra. O silêncio que assusta Deng é a ausência humana, rastro devastador da guerra que tira vidas, pátria e esperança e é tensionado pela concepção de “paz” que geralmente se tem do silêncio.

Na página que antecede a perspectiva de Deng, a fotografia traz intervenções das ilustrações com fogo, tanque de guerra, helicóptero, soldado em seu cavalo, linhas vermelhas que ilustram a memória do garoto e imbrica-se ao texto verbal. Os desenhos ressaltam o olhar e o ponto de vista de crianças que são vítimas diretas dos confrontos. Em primeiro plano, o garoto contempla essa cena, as linhas vermelhas parecem uma “barreira”, como se a cena vista pelo menino fosse realmente a evocação da memória. Para o leitor, seu outro, aparece de costas, pois a guerra faz parte de sua vivência e, portanto, é para onde olha. Cabe salientar a tensão visual entre o cenário de guerra e os desenhos infantis, pois não esperamos que crianças “desenhem” a guerra, nem que o fogo gerado pelo bombardeio ocupe o mesmo plano que as ilustrações infantis.

O olhar sensível da autora Marie Ange Bordas e seus dias de convívio no campo de Kakuma contribuíram para construir a imagem de Geedi e Deng. Sem romantizar a condição dos garotos, que representam milhares de outras crianças que vivem em situação de deslocamento forçado, Bordas, de forma responsiva e responsável, dá voz aos meninos, com suas vivências. A posição de ambos é marcar sua identidade, seu pertencimento. Seja na esperança de conhecer seu país ou na memória que se tem da pátria, essas diferentes perspectivas e vivências possuem um ponto em comum: a dor e o sofrimento de não se ter escolha, de ter a infância interrompida e brutalmente roubada.

A partir da sensibilidade tocante da autora e dos embates discursivos marcados visual e linguisticamente, o leitor é apresentado a esse outro-refugiado que não é invisível e estranho, mas tão humano e vivo quanto o outro-leitor que o lê, conhece e reconhece, por meio dos discursos verbo-visuais. Diferentemente dos discursos que circulam na grande mídia, que tendem à massificação das pessoas em deslocamento forçados, na narrativa, Geedi — somali — e Deng Yak Tap — sudanês — são únicos, singulares e, no texto em primeira pessoa, assinam sua responsabilidade ética de existir.

Considerações finais

Os exercícios de análise visaram à investigação sobre indícios linguístico-discursivos de alteridade em dois enunciados da esfera literária: o poema “Exército (chusma) de rosas negras” a narrativa juvenil *Dois meninos de Kakuma*. Trabalhar com enunciados de gêneros discursivos distintos enriquece a discussão e amplia a visão do leitor, pois mostram, por meio de diferentes perspectivas, as várias imagens do outro (refugiado e mulher negra), além de proporcionar duas possibilidades de se fazer o exercício exotópico, ou seja, de se colocar no lugar do refugiado e da mulher negra e voltar a si.

Compreender esse outro — mulher negra e refugiado — é buscar responder a inúmeros discursos que massificam, excluem e silenciam esse outro. Partindo de temas urgentes na contemporaneidade, nossa assinatura ética é assumir a existência do outro excluído, mostrando na literatura sua condição e voz.

A partir destas análises, buscamos ainda garantir mais visibilidade para o tema que pode ser trabalhado em sala de aula, mostrando para os estudantes como se dá a construção da imagem do outro no texto literário, promovendo um debate crítico e reflexivo sobre a mulher negra e o refugiado. Entendemos que os textos literários dão vazão às vozes que muitas vezes negligenciamos. Realizar a leitura tanto do poema como da narrativa, na contínua relação eu/outro, nos fornece base para um deslocamento do nosso lugar único e irrepitível para esse outro que é excluído. Nesse movimento, além do encontro com o outro, há o encontro do leitor consigo mesmo concretizando o que postulou Bakhtin ([1920-1924]2020) ao apontar para as relações alteritárias nas expressões: “eu-para-mim”, “eu-para-o outro” e “o-outro-para-mim”. Seja com a mulher negra ou com os garotos Deng, Geddi, esse encontro acontece na tessitura discursiva, nas escolhas lexicais, nas construções linguístico-discursivas e, sobretudo, na interação: “eu leitor” e o “outro”.

Espera-se que o trabalho com o texto literário na sala de aula leve em consideração as relações dialógicas e a alteridade e que os exercícios de análise apresentados neste artigo possam contribuir para que os estudantes desenvolvam um olhar mais crítico, empático e alteritário para com todos os seus “outros”, em especial, para com os “outros excluídos”.

Financiamento

Viviane Mendes Leite agradece à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento de pesquisa de doutorado – bolsa nacional (nº do processo: 88887.928205/2023-00).

Referências

- ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. Coleção Feminismos Plurais, coordenação Djamila Ribeiro. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.
- AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução: Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3 ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.
- BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução e notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAUMAN, Z. *Estranhos à nossa porta*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BENTO, C. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das letras, 2022.
- BORDAS, M. A. *Dois meninos de Kakuma*. São Paulo: Pulo do gato, 2018.
- BORGES, C. A. *Sujeitos à deriva: migração, refúgio e processos de subjetivação (2021)*. Tese de doutorado (Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021, 281p.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B (org). T. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 9-31.
- BRAIT, B. Tramas verbo-visual da linguagem. In: *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2015, p.192-227.
- EVARISTO, C. Da representação à auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares Cultura Afro-brasileira*, Brasília, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.
- FARACO, C. A. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. *Letras de Hoje*, [S. l.], v. 46, n. 1, p. 21–26, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/9217>. Acesso em: 03 set. 2024.
- GONZALEZ, L. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. In: *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Org. Flávia, Marcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- MEDVIÉDEV, P N. *O método formal nos estudos literários*. Introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Contexto, 2012.
- SOBRAL, C. *Terra negra*. Rio de Janeiro. Malê, 2017.
- TONUS, L. J. Migrantes e refugiados: à(a) espera de uma narrativa?. *Letras de Hoje*, v. 53, n. 4, p. 476-483, 30 dez.2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/33009>. Acesso em: 03 set. 2024.

LINHA D'ÁGUA

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). *A palavra na vida e na poesia*. Ensaios, artigos, resenhas e poemas. Org., Trad., Ensaio introdutório e notas Sheila Grillo; Ekaterina Américo. São Paulo: 34, 2019.